

FOUCAULT EM NÓS: AS AUDIOVISUALIDADES SOB
O OLHAR DE NILTON MILANEZ
FOUCAULT IN US: AUDIOVISUALITIES UNDER
NILTON MILANEZ'S LOOK

Francisco Vieira da Silva¹

Resenha de MILANEZ, Nilton. **Audiovisualidades em mim:** autoanálise foucaultiana sobre homossexualidade infantil e corpo na ditadura. Salvador, BA: Labedisco, 2022.

Atualmente, Nilton Milanez é docente pleno e pesquisador da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Em quase duas décadas, tem-se voltado para o exame de discursos que circulam em diferentes materialidades audiovisuais sob o horizonte teórico de Michel Foucault. Numa prolífica produção acadêmica que envolve a publicação de artigos em periódicos, de capítulos de livros, organização e publicação de coletâneas, bem como de jornais e revistas científicas, além da realização de diversos eventos, colóquios e simpósios e da tradução de obras representativas da área, Milanez figura hoje como um dos principais nomes da perspectiva foucaultiana de análise dos discursos no Brasil. A inserção internacional desse pesquisador também pode ser percebida pela sua formação, durante o doutorado e nos

¹ Professor do Departamento de Linguagens e Ciências (DLCH) da UFERSA. Coordenador do GP/CNPq Discurso com Foucault (Dis.com.fou). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>. E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br.



estágios realizados na França, sob a supervisão de teóricos do quilate de Jean-Jacques Courtine e Phillipe Dubois.

Tendo já firmado um lugar de destaque na cena acadêmica, Milanez nos brinda em **Audiovisualidades em mim**: autoanálise foucaultiana sobre homossexualidade infantil e corpo na ditadura. Com uma obra bastante diferente no circuito das demais produções existentes. Interconectando as memórias autobiográficas com conceitos e temas da obra foucaultiana, o autor nos conduz a um recorte bem específico que triangula a audiovisualidade, a homossexualidade infantil e o corpo no universo na ditadura civil-militar brasileira (1964-1985).

Seguindo nesse fio discursivo, o livro organiza-se em nove seções, as quais recobrem as diferentes vivências do Milanez criança e os desdobramentos disso nas escolhas temáticas empreendidas pelo pesquisador no decurso de sua carreira acadêmica, em diferentes aspectos de sua personalidade, de sua individualidade e dos processos de subjetivação. O mergulho realizado por esse professor, porém, não se converte num exercício que não se dissocia das experiências sociais de outros sujeitos gays, mas, pelo contrário, quando o autor fala de si, ele também enuncia por todos nós. Sobre isso Milanez (2022, p. 21) assinala: “Não existe a história de um só. Não há um dó que não nos arraste a um dor maior, uma escala de dor, sem piedade”. A escrita como um exercício de si, conforme já nos mostrava Foucault (1992), é evidenciada pelo autor resenhado, quando pondera: “[...] A escrita, portanto, não importando o formato, é um tipo de destino que corre ao encontro ofegante do sujeito consigo mesmo, por isso, uma experiência estética libertadora, autobiográfica, autoanalítica, com seus desdobramentos sobre si” (MILANEZ, 2022, p. 18-19).



No (des)caminhos da autoanálise foucaultiana, Milanez relembra as diferentes visualidades que marcaram sua trajetória infantil e que repercutiram sensivelmente no processo de constituição de si. Esse trajeto segue filmes como *Marcelino, pão e vinho* (1955), *Dio como ti amo* (1966), ressignificados pelo autor como Marcelino, pau e vinho e Dio, como e ti amo, os filmes de vampiro, os seriados de televisão como os *Trapalhões*, causador de visíveis incômodos para o infante Milanez “[...] Curioso que eu nunca ria com os trapalhados, muito menos me via neles, em tantas cenas ridículas” (MILANEZ, 2022, p. 71). Completam o combo das audiovisualidades marcantes a presença do estilista Dener Pamplona (1937-1978) no programa de calouros de Flávio Cavalcanti (1923-1986) e a constatação segundo a qual era esse um lugar reservado para a bicha no interior do regime militar e a construção da paternidade na novela *Pai Herói* (1979), escrita por Janete Clair e exibida no horário das 8h da Rede Globo.

Uma regularidade flagrante nessa obra de Milanez reside na relação fugidia com a figura do pai. Não é de modo fortuito que a primeira seção da obra intitula-se “A primeira e última vez com o meu pai” e a última foi nomeada de “Cortaram a cabeça do pai”. A simbologia do pai perpassa todas as narrativas contidas no livro e pode ser interpretada não apenas pelos desconfortos causados pela homossexualidade do autor na relação com a figura austera do pai, mas, de modo mais expandido, com as opressões desencadeadas no esteio da ditadura militar para os que, de algum modo, escapavam das normas regulatórias da matriz heterossexual.

Nesse contexto, é importante retomar algumas ocorrências em que fica em relevo o lugar desviante do corpo infantil e gay sob a asfixia daqueles tempos. Nas palavras de Milanez (2022, p. 28), “[...]o amoreas instituições



não combinavam desde aqueles tempos”. A cancruda disciplina das escolas e a exibição dos símbolos pátrios coadunavam com as verdades do sistema a cercearem a distribuição dos corpos no esteio das famílias e do ufanismo alienante em voga naquela época. Ao mencionar seu quadro clínico de bronquite e os desdobramentos que tal condição engendrou, o autor reconhece que se travava de “[...] uma defesa para não respirar o ar infectado da normatividade hetero, dominante, sufocadora, alienante, ultrajante, ditatorial” (MILANEZ, 2022, p. 45).

Numa passagem emblemática, tem-se a descrição de um episódio de violência física sofrida pelo autor no ambiente escolar, em razão dos traços reveladores de sua condição homossexual. No entanto, o que mais marcou foi a reação passiva dos que assistiram à dolorosa cena: “[...] essa era a estrutura das forças reacionárias selvagens de dominação. Todos bebiam dessa água. Até mesmo as crianças” (MILANEZ, 2022, p. 91).

Em suma, no decurso de toda a obra resenhada, encadeiam-se movimentos de memória que recuperam episódios pontuais da infância do autor num período muito sensível da história brasileira e se estabelecem gestos interpretativos confeccionados com base no aparato teórico de Michel Foucault. A publicação desta obra na atualidade, marcada por negacionismos históricos diversos, especialmente no que tange à ditadura e a cooptação do poder governamental por forças ultraconservadoras, delinea a potência criativa dos estudos discursivos foucaultianos e mostra a proficuidade de conceitos atentos às experiências individuais e coletivas no terreno das audiovisualidades e nas abordagens sobre o corpo como uma unidade de discurso, bem como da necessidade de fortalecimento das resistências e das contracondutas frente aos arroubos autoritários. Conforme Milanez



(2022, p. 109), “[...] E eu estava crescendo, a Dita-dura, sempre brochas e moles, iam passar e na virada da década eu ia me recriar”.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160.